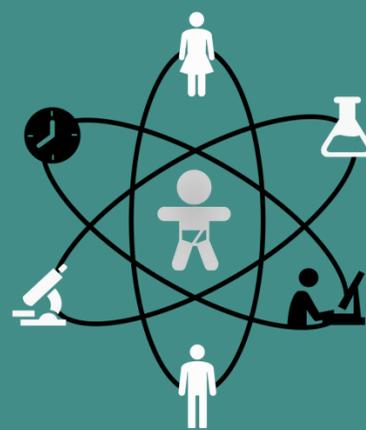


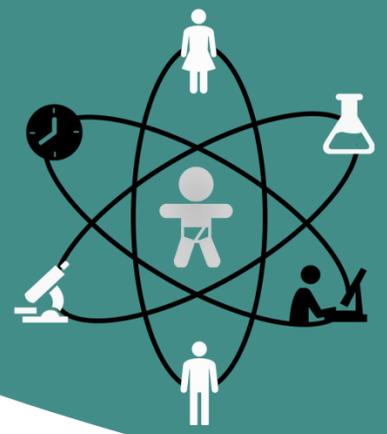
PARENT IN SCIENCE  
ENTREVISTA



# Juliana Petermann

SOBRE MATERNIDADE E  
DOCÊNCIA NA PÓS-  
GRADUAÇÃO



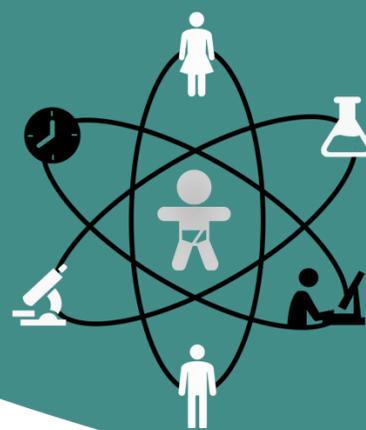


# Juliana Petermann

## Maternidade e docência na Pós-graduação

Como tem sido a conciliar a experiência da maternidade de um bebê com a carreira acadêmica no período da pandemia?

É um malabarismo e uma eterna sensação de não dar conta de tudo e de estar sempre devendo algo para alguém. A carreira acadêmica exige muito tempo e concentração. Duas coisas que não são compatíveis com a maternidade. Muitos menos com a maternidade em tempo de pandemia e em home office. É curioso porque a maternidade me deixou mais criativa e disposta a pesquisar e a escrever. Fico tendo muitas ideias de pesquisas que quero fazer, artigos que quero escrever, mas preciso lidar com a impossibilidade concreta de não ter tempo para isso. Hoje meu trabalho está concentrado principalmente nos momentos em que meu bebê dorme. Então, por mais que eu corra para o computador a cada soneca e trabalhe muito concentrada, é impossível dar conta. Até mesmo porque nossa carreira compreende ensino, pesquisa e extensão e cada uma dessas coisas apresenta demandas muito específicas. Como eu imaginava que seria: “quando terminar minha licença-maternidade, meu bebê irá para a creche e terei esse tempo livre para o trabalho”. Expectativa versus realidade né? A licença terminou e veio o home office para mim e para o meu companheiro. Nosso bebê tem um ano e três meses. Ele está aprendendo a caminhar e exige atenção em tempo integral, pelo desenvolvimento dele, mas também por sua segurança. Ele tinha poucos dias quando a pandemia chegou ao Brasil. A gente ficou sem rede de apoio desde o início e depois tendo que trabalhar enquanto cuidamos o bebê. É muito complexo. A gente tenta colocar limites, nos dividimos, mas é insalubre. Muitas vezes me pego fazendo duas coisas ao mesmo tempo: nanando o bebê e lendo um e-mail, fazendo o almoço dele e mandando um áudio para um orientando ou orientanda, empurrando o carrinho e lendo um artigo. Ou ainda fazendo cálculos mentais de como acelerar um processo, como resolver algo mais rápido ou como aproveitar melhor meu tempo. Além de ser um prato cheio para a ansiedade, resulta na sensação de não estar fazendo nada bem. Além disso, a sensação de culpa de não estar com atenção totalmente voltada para o bebê, enquanto eu o cuido. A minha capacidade de produção diminui muito. Se antes eu lia e corrigia cem páginas por dia, hoje eu consigo ler e corrigir umas dez. Em um contexto de Pós-Graduação - que, além das nossas pesquisas, temos textos dos orientandos e das orientandas e ainda muitas bancas de mestrado e doutorado, artigos para publicar e para avaliar, relatórios, editais, projetos - estou precisando ser muito compreensiva comigo mesma. Tenho procurado me respeitar e saber dos meus limites, mas não é uma tarefa fácil.



# Juliana Petermann

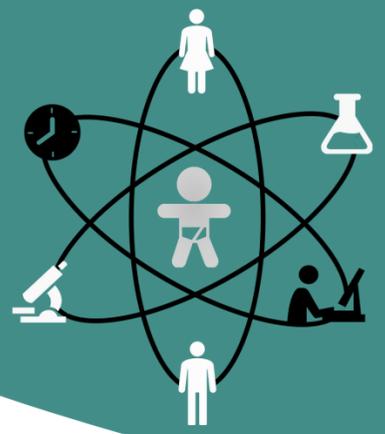
## Maternidade e docência na Pós-graduação

Como você vê as demandas de produção na Pós-Graduação solicitadas aos/às pesquisadores/as e o que muda a partir da maternidade?

Tem uma cobrança que é institucional e que é inclusive documentada em plataformas e sistemas, como o Lattes e o Sucupira. Mas tem também uma auto cobrança, porque fomos condicionadas a um ritmo alto de produção. Tem que publicar para ganhar um edital, para ter uma bolsa, para ter bolsista de IC, para produzir mais, para publicar mais, para ganhar mais editais. É uma loucura. Depois que eu me tornei mãe, o primeiro edital que eu quis participar - e que era de uma bolsa para IC - eu não consegui tempo nem para abrir o edital e ler. Muito menos para separar documentos, preencher formulários e enviar. Logo depois disso, eu quis mandar um artigo para um dos principais congressos da minha área e não consegui nem começar o texto. As demandas e as cobranças já são altas demais. Temos uma cultura de produtividade e de competição. Com a maternidade, a nossa capacidade de produzir academicamente fica muito limitada.

Você já viveu alguma situação de constrangimento em razão da conciliação dos seus papéis de mãe e pesquisadora?

Eu lembro que antes de sair de licença-maternidade uma pessoa, no contexto da Universidade, sugeriu que eu me desligasse do Programa de Pós-Graduação, visto que minha produção cairia. A sugestão é que eu passasse de docente permanente à docente colaboradora do Programa. Eu já havia planejado todo o meu ano e sabia que eu conseguiria manter uma pontuação razoável ainda que estivesse de licença. Mas mesmo que eu não conseguisse... Como possivelmente eu não venha a conseguir nesse segundo ano de home office com o bebê. A postura da Universidade deveria ser muito mais de “estamos contigo”, “conte conosco” do que “você não vai dar conta disso agora que tem um bebê”. Além do medo de possivelmente não dar conta, de encarar a realidade de não dar conta efetivamente, ainda fica uma grande sensação de desamparo.



# Juliana Petermann

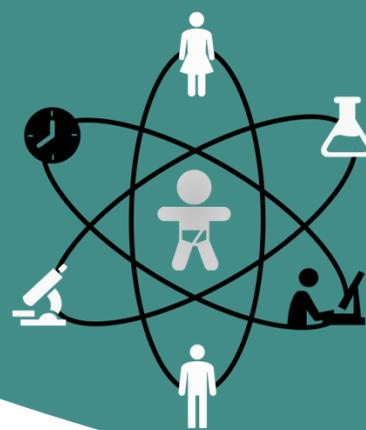
## Maternidade e docência na Pós-graduação

Que ações ou políticas você acredita que poderiam ser implementadas para atenuar as desigualdades que são vividas pelas mães no ambiente acadêmico, especialmente na pesquisa?

Inserir a maternidade no Lattes foi um passo fundamental para tentarmos diminuir as desigualdades. Mas é apenas um dos passos. Muitos editais já passaram a considerar o impacto da maternidade na produção das mães-pesquisadoras, mas ainda há muito o que avançar. É uma mudança importante, sem dúvida, mas ainda é insuficiente. Precisamos avançar no modo como entendemos a maternidade e as diferenças que fazemos em relação à paternidade. Os pais cientistas acabam não sofrendo tanto o impacto da paternidade, até mesmo porque não se afastam por tanto tempo do trabalho. Além disso, parece sempre mais “natural” que a mãe abra mão do seu trabalho para cuidar das crianças. Mas isso é meramente uma convenção. Então precisaríamos, por exemplo, de uma licença-paternidade de período igual ao da licença-maternidade. Precisaríamos também que os congressos e os eventos estivessem mais preparados para pessoas com crianças. Precisaríamos que a própria Universidade fosse um lugar mais compreensivo com a parentalidade. Além disso, precisaríamos discutir os sistemas de avaliação e também diversificar o perfil das pessoas que avaliam. Precisaríamos discutir o próprio produtivismo e o sistema de competição que faz parte da lógica da Universidade, substituindo-o por uma lógica mais sensível e de cooperação.

Como você vê a possibilidade de que os programas possam registrar a licença-maternidade na Plataforma Sucupira?

Acho fundamental. Assim a maternidade se torna visível e passa a fazer parte da vida da pós-graduação. Do contrário, é como se não existisse licença-maternidade. Porque, na prática, quase que somos cobradas por continuar publicando, orientando e produzindo durante a licença. Como os Programas de Pós-Graduação recebem uma cobrança muito grande por produção, é como se ninguém pudesse parar ou diminuir o ritmo, pois estaria “prejudicando” o programa como um todo. Isso pode inclusive gerar uma cobrança entre colegas, o que não é nada saudável. Portanto, registrar a maternidade na Sucupira é jogar luz e naturalizar o que é absolutamente natural: ser mãe e precisar de tempo para cuidar da sua criança.



# Juliana Petermann

Maternidade e docência na Pós-graduação



## Sobre nossa entrevistada

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria (2003), mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Maria (2006). Atualmente é professora associada do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria e professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da mesma universidade. Atua principalmente nos seguintes temas: criação publicitária, ensino de criação publicitária, criatividade, marcas e seus discursos, estratégias de significação, análise de imagens publicitárias. Coordena o grupo Nós - Pesquisa Criativa ([www.nospesquisacriativa.com](http://www.nospesquisacriativa.com)). Recebeu o Troféu Reconhecimento da Associação Riograndense de Propaganda no ano de 2014. Foi escolhida professora do ano, recebendo o Prêmio Destaque em Ensino na Universidade Federal de Santa Maria no ano de 2017. É autora do livro Cartografia da Criação Publicitária e coautora do livro Criação Publicitária: Desafios no Ensino.